

PARTIDOS

PFL é 'indissociável' do governo, diz Bornhausen

*Presidente pefelista
adverte que partido não
pode repetir 89, quando
se afastou de Sarney*

CÉSAR FELÍCIO

BRASÍLIA - O presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), disse ontem ao **Estado** que o partido é "indissociável do governo federal". Ele defende candidatura própria do PFL à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002, mas acredita que a possibilidade de vitória dependerá do êxito do governo atual. "Não podemos repetir 1989", afirmou. "Naquele ano, o PFL afastou-se do presidente José Sarney, que estava impopular, e o resultado é que o nosso candidato, Aureliano Chaves, teve menos de 1% dos votos na eleição presidencial."

Para a história não se repetir, o senador prega o engaja-

mento do partido na votação das leis que regulamentam as reformas previdenciária e administrativa, do projeto de lei de responsabilidade fiscal e da reforma tributária.

Medidas fortes - Ele cobra, contudo, que a área econômica do governo lance medidas de impacto para acelerar a retomada do crescimento e deter a queda de popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Na visão de Bornhausen, o País precisa iniciar uma trajetória de crescimento econômico contínuo a partir do próximo ano para que qualquer partido aliado tenha alguma chance na sucessão de Fernando Henrique.

O senador prevê dificuldades para o PFL, o PSDB e o

PMDB nas eleições municipais do próximo ano. "Se a eleição fosse hoje, ela correria o risco de federalizar-se, virando um plebiscito sobre o governo federal", acredita.

A prioridade para o partido será tentar ganhar a eleição em São Paulo, com a possível candidatura do ex-mi-

nistro da Saúde Adib Jatene, ainda sem filiação partidária.

"Nós percebemos que há um espólio eleitoral deixado pelo ex-governador Paulo Maluf e pelo prefeito Celso Pitta,

que está sem dono." As outras prioridades são Porto Alegre, já que a seção gaúcha é a mais fraca do PFL em termos nacionais, e Belo Horizonte, porque o partido tem expressão apenas no interior mineiro.

De acordo com o senador,

caso a turbulência econômica dure até 2002, será mais um motivo para acelerar a votação da reforma política, uma bandeira tanto do PFL quanto do PMDB.

Novamente, ele lembra a eleição presidencial de 1989, vencida por Collor pelo pequeno PRN. "Não podemos correr o risco de termos na reta final da eleição dois candidatos que são minoritários no Congresso e trazem a ingovernabilidade", afirmou. "A reforma política é vital para diminuir o número de partidos e dar mais organicidade às candidaturas que forem apresentadas."

O senador disse que o governo fez bem em recuar na política de aumento de combustíveis, porque a repercussão na sociedade estava sendo péssima. "A longo prazo, o governo também terá de retomar com maior ênfase o programa de privatização, sobretudo na área de saneamento."

JATENE É
PREFERIDO
PARA TENTAR
PREFEITURA